

RESENHAS
REVIEWS

MARTINS, Gilberto de Andrade.*
Estudo de caso:
uma estratégia de pesquisa.

São Paulo: Atlas, 2006.

9

Paulo Tiago Cardoso Campos**

A obra aqui resenhada tem um duplo propósito e valor: por um lado, versa sobre um tema compreendido de forma muitas vezes deficiente nos círculos acadêmicos, e isso se reflete em trabalhos (monografias, artigos, dissertações) nos quais a falta de rigor é patente; por outro, é escrito de maneira clara, didática, acessível e desmistificadora.¹ O primeiro ponto destacado acima é assinalado pelo autor do livro, assim como também destaca o caráter de dependência da pesquisa, desenvolvida com o emprego da estratégia do estudo de caso, em relação à construção de uma adequada plataforma teórica e a necessidade de demonstrar a articulação dessa com os dados colhidos na realidade histórica concreta a respeito da qual versa o estudo de caso.

De novo, isso reforça o escrito acima: o livro procura suprir falhas constatadas em diversos *estudo de casos* publicados como artigos ou apresentados na forma de dissertações de mestrado e monografias de conclusão de cursos de graduação. Dentre essas falhas está a falta de rigor na demonstração de uma plataforma teórica sólida (resultante de uma revisão de literatura), ausência de ligação entre essa plataforma e os dados coletados

* Doutor e Livre-Docente em Administração pela USP, onde é Professor Titular no Departamento de Contabilidade da FEA/USP. Sua tese de livre-docência é intitulada *Epistemologia de Pesquisa em Administração*. Atualmente, é membro do Conselho Editorial da Revista *Contabilidade & Finanças* da USP, autor de vários trabalhos (livros e artigos) que cobrem temas afetos à epistemologia, metodologia da pesquisa e estatística, além de ser vice-diretor-presidente da Fipecafi/USP, Fundação de Pesquisa em Contabilidade, Finanças e Atuária.

**Mestre em Economia pela UFRGS.

¹ O artigo de Alves-Mazzotti, "Usos e abusos do estudo de caso" está disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0736129.pdf>>, vai ao encontro dessas considerações iniciais. (ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos do estudo de caso. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006).

e problemas na extração de conclusões que sejam oriundas de interpretações rigorosas desse conjunto de elementos (plataforma teórica e dados coletados); e também trabalhos que se intitulam *estudo de caso* sem sê-lo.

O livro aqui resenhado, portanto, adquire grande expressão em face da demanda crescente para utilização da estratégia do *estudo de caso* em pesquisas acadêmicas, tanto em graduação como em pós-graduação, especialmente se for considerado que há, com frequência, falta de rigor nessas pesquisas. Importante é assinalar que, conforme o autor afirma na apresentação, o livro enquadra-se na abordagem qualitativa, cujas avaliações são mais aplicáveis a situações nas quais se deseja construir teorias (*grounded theory*) mais do que testar teorias, algo que é – no último aspecto – característico de pesquisas quantitativas.

O primeiro capítulo, “Predicados de um estudo de caso exemplar”, versa sobre as características qualitativas que deve ter um *estudo de caso*. Como a de (i) dever ser importante, isto é, proporcionar descobertas, surpreender e ter clareza; (ii) ser eficaz, ou seja, estar amparado numa plataforma teórica e conter um planejamento detalhado e um protocolo que reflita rigor, tanto no processo de coleta de dados quanto na interpretação dos mesmos; e (iii) estar suficientemente desenvolvido e relatado de maneira atraente, e aqui se destaca a concisão e brevidade combinadas com rigor, com tratamento científico rigoroso dos dados colhidos perante as questões de pesquisa e proposições iniciais de forma a demonstrar que os dados e as evidências as cubram e respondam por completo, e ainda, que estejam suportados por uma plataforma teórica sólida. A essas três características qualitativas o autor acrescenta o exemplo do que não deve ser entendido como *estudo de caso*, e chama a atenção para um desses: o “caso prático”. Alguns exemplos são: a possível aplicação de um método de gestão numa empresa; a ilustração de aplicação de um sistema de avaliação numa situação hipotética; o simples trabalho que realiza algumas entrevistas com duas empresas e se intitula *estudo de caso*; e ainda a verificação de possível uso ou emprego de uma técnica de gestão em uma organização. Isso é reflexo do que é confundido com *estudo de caso*. Num esclarecedor trecho, no fim do primeiro capítulo, o autor explica que, no âmbito do livro, enfoca o estudo de caso de forma tal que o pesquisador formula uma “teoria que ajude a explicar o caso, e, ao longo do trabalho, busque evidências para testar a teoria proposta para explicar o caso. Sendo aceita, a teoria poderá ser, analiticamente, generalizada para situações (casos) assemelhadas”. (p. 7).

Mas o que é estudo de caso? É do que trata o segundo capítulo. O autor caracteriza o *estudo de caso* como uma investigação empírica que se ocupa de fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto de vida real em que esses ocorrem, é suportado por uma plataforma teórica e busca apreender a totalidade de uma situação – normalmente complexa, que envolve diversas dimensões – e que requer, em face disso, profundidade e coleta de múltiplos dados e evidências para o encaminhamento de conclusões ou para construir a teoria que o explique (*grounded theory*). O trabalho de campo, em que o pesquisador colige dados, ouve pessoas, observa, anota, examina documentos, faz entrevistas em série, enfim, realiza a coleta dos dados empíricos, deve ser precedido por um rigoroso protocolo de *estudo de caso* e estar embasado numa sólida plataforma teórica. Os dados falam através de teorias, caso contrário, o pesquisador se perde em especulações vazias e vagas, afirma conclusões destituídas de base teórica e empírica.

É preciso também ter flexibilidade – continua Martins – para, ao longo do *estudo de caso*, voltar às proposições iniciais (teoria preliminar), realizar inferências analíticas com relação a elas, perante os dados e evidências coligidos, redirecionar os procedimentos e técnicas de coleta de dados e avaliar permanentemente o foco nas questões de pesquisa e proposições iniciais, bem como ir apurando conclusões parciais e catalogando descobertas e achados.² Há também o cuidado por parte do pesquisador, caso atue na organização ou empresa em que é feito o estudo de caso, manter a objetividade e não misturar suas impressões e julgamentos pessoais com os elementos pertinentes à sua pesquisa.

O terceiro capítulo explana as técnicas de coleta e a análise de dados e evidências, abarcando observação, observação participante, entrevistas, *focus group*, questionários (incluindo as escalas sociais e de atitudes, como a Escala Likert), documentos, dentre outras. Com grande desenvoltura e objetividade, Martins cobre os temas deste capítulo incluindo em sua exposição temas mais “espinhosos”, como a pesquisa etnográfica, a análise de conteúdo e a análise de discurso e envolve um interessante conjunto de considerações sobre linguagem e a teoria da enunciação e a teoria pragmática, resgatando, por exemplo, autores como Ferdinand Saussure. Com isso,

² Um exemplo de *estudo de caso* que ilustra o presente parágrafo é o artigo de ALBERTIN, A. L.; ALBERTIN, R. M. Tecnologia da informação e desempenho empresarial no gerenciamento de seus projetos: um estudo de caso de uma indústria. *RAC*, v. 12, n. 3, p. 599-629, jul./set. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v12n3/02.pdf>>.

enriquece o texto do livro com um grau de profundidade que não é excessivo nem hermético, e sim, altamente pertinente e suficiente para atingir seus objetivos. O Capítulo 3 termina com a apresentação de exemplos de aplicação dessas técnicas de coleta de dados e evidências em estudos de caso selecionados e já publicados. Em todo o Capítulo 3 fica clara a relação de dependência de uma plataforma teórica em relação à escolha e à condução da aplicação das técnicas de coleta de dados e evidências num estudo de caso.

O Capítulo 4 trata do planejamento de um estudo de caso. Resultante desse planejamento, aparece o projeto de pesquisa, entendido pelo autor como um plano de ação visando a dar garantia e conferir confiabilidade e validade aos achados. Os itens do projeto, amplamente explicados e ricamente ilustrados com exemplos no fim desse capítulo, são: questões de pesquisa, proposições iniciais, fixação de parâmetros (conceitos, construtos e definições operacionais), planejamento da coleta de dados e evidências, e construção do protocolo de *estudo de caso*.

O Capítulo 5 tem como foco o trabalho de campo e as estratégias de análises de um *estudo de caso*, cobrindo temas muito caros a essa estratégia de pesquisa, como triangulação e encadeamento de evidências, organização dos dados, evidências e informações. Finaliza com uma breve sugestão de composição do texto do relatório de *estudo de caso* (na forma de monografia, artigo, dissertação, etc.). O autor chama a atenção para as dificuldades que podem surgir (como, por exemplo, constituir uma imensa quantidade de dados e evidências) e a maneira de superá-las (o conteúdo do Capítulo 5 apresenta essas maneiras). O fio condutor fixa-se em mostrar como partir das questões de pesquisa e proposições iniciais até chegar às conclusões finais ou à teoria que explica o caso (*grounded theory*), conservando as duas qualidades básicas de um estudo de caso: a confiabilidade e a validade.

Finalmente, no Capítulo 6, discute alguns critérios sobre avaliação da qualidade de um projeto e de uma pesquisa orientados pelo *estudo de caso*. O autor desenvolve o capítulo tendo como fio condutor a confiabilidade e validade de um *estudo de caso*. A primeira é análoga ao grau de confiança de uma pesquisa experimental. Diferentes pesquisadores, realizando os mesmos procedimentos de coleta de dados e evidências, devem chegar a resultados muito próximos. No caso de experimentos, normalmente isso é feito em condições controladas, como num laboratório; num estudo de caso, a replicação implica selecionar casos ou casos semelhantes, e o autor especifica alguns problemas de realizá-la em *estudos de caso* e chama a atenção para o

valor do rigor ao se fazer triangulações e encadeamento de evidências realizadas ao longo de toda a pesquisa no *estudo de caso*. Por outro lado, a validade diz respeito ao grau de eficácia com que as conclusões do *estudo de caso* cobrem as questões de pesquisa e proposições iniciais. Há diversos critérios para avaliar esse ponto, incluindo a validade aparente, validade de conteúdo, validade de construto e validade externa. O autor discute cada uma delas, estabelecendo critérios de como cada uma pode ser aplicável, esclarecendo seus prós e contras.

Bem, uma questão que normalmente aparece quando se trata do tema é: como se pode generalizar a partir de um caso? Nesse ponto, é útil apelar para o clássico trabalho de YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001, que esclarece ser o *estudo de caso* diferente de experimentos. Por consequência, a questão de generalizar também difere: no caso de experimentos, vários deles precisam ser realizados para que, em condições semelhantes e controladas, mediante rigorosos testes, seja possível uma generalização dos resultados. Agora, um detalhe: o tipo de generalização característico nos experimentos é estatístico, atribuível a populações ou universos. A generalização, nos estudos de caso, refere-se a generalizações analíticas, generalizações teóricas, ou seja, trata-se de conferir e estender a capacidade explicativa de uma proposição teórica a um caso ou a casos que se assemelham. Em suma, a generalização, num *estudo de caso* é diferente da que se pensa normalmente em relação a experimentos.

O artigo de Alves-Mazzotti, citado em nota no início da presente resenha, expande a compreensão do tema do livro quando lembra que selecionar um caso para *estudo de caso* implica adotar critérios de seleção: a raridade (estudos de caso em psicologia clínica), a semelhança com outros casos (como duas favelas reduziram a criminalidade ou o tráfico de drogas, ou ainda, como duas empresas obtiveram resultados diferentes na implementação de um mesmo projeto), etc. Não se trata, portanto, de selecionar um caso para aplicação da estratégia do *estudo de caso* apenas considerando a disponibilidade (como estudar uma empresa pelo simples fato de nela trabalhar) ou a consideração de qualquer outro aspecto comum e trivial para abordá-lo (como ter fácil acesso aos dados de uma escola). Há que se considerar critérios de seleção que tornem o caso a estudar algo dotado de condições de ser estudado com profundidade e por alguma razão mais forte, como dito acima.

Em suma, o livro de Martins abre espaço para se trabalhar com o tema *estudo de caso* em sala de aula, especialmente em Seminários de Pesquisa e Metodologia da Pesquisa, assim como em elevar o nível de compreensão dessa estratégia de pesquisa fortemente utilizada em países de forte tradição científica, como os Estados Unidos e a Inglaterra, e que se pode aplicar na elaboração de artigos e outros trabalhos. Os trabalhos de Yin e de Alves-Mazzotti, citados acima, são extremamente úteis para estudar o tema e o livro de Martins. Como já referido no início da presente resenha, a obra de Martins é muito acessível, direta e objetiva, sem perda do rigor e da clareza. É, portanto, uma obra fortemente recomendável para leitura e uso em sala de aula e para condução de estudos, pesquisas e elaboração de trabalhos acadêmicos, como monografias, estágios e dissertações.

**Recebido em 22 de junho de 2012.
Aprovado em 1º de julho de 2012.**